

## Quem somos?

● O Comité Operário Internacional contra a guerra e a exploração, pela Internacional Operária, constituiu-se na Conferência Mundial de Mumbai (Índia) que juntou, em Novembro de 2016, delegados de 28 países.

● Em Outubro de 2022, realizou-se nova conferência mundial, em Paris, precedida de uma conferência internacional das mulheres trabalhadoras. Delegados de 43 países subscreveram um apelo que actualiza o Manifesto de Mumbai à luz da situação mundial (\*).

● Compõem o comité de acompanhamento militantes operários de todas as tendências:

**Camille Adoue** (França)  
**Innocent Assogba** (Benim)  
**Alan Benjamin** (EUA)  
**Colia Clark †** (EUA)  
**Adama Coulibaly** (Burkina Faso)  
**Constantin Cretan** (Roménia)  
**Berthony Dupont** (Haiti)  
**Daniel Gluckstein** (França)  
**Rubina Jamil** (Paquistão)  
**Christel Keiser** (França)  
**Apo Leung** (China)  
**Nnamdi Lumumba** (EUA)  
**Randy Miranda** (Filipinas)  
**Mandlenkosi Phangwa** (Azânia)  
**Liliana Plumeda** (México)  
**Milind Ranade** (Índia)  
**Klaus Schüller** (Alemanha)  
**Jung Sikhwa** (Coreia)  
**Mark Vassilev** (Rússia)  
**Nambiath Vasudevan** (Índia)

(\*) Afeganistão, Alemanha, Argélia, Azânia, Bangladesh, Bélgica, Benim, Bielorrússia, Brasil, Burkina Faso, Burundi, Canadá, Chile, China, Congo, Coreia, Egipto, Estado espanhol, Estados Unidos, Filipinas, França, Grã-Bretanha, Grécia, Haiti, Hungria, Índia, Itália, Marrocos, México, Palestina, Paquistão, Peru, Portugal, Roménia, Rússia, Senegal, Sri Lanka, Suécia, Suíça, Togo, Tunísia, Turquia, Zimbabue.

## FRANÇA

### Assembleia de Mulheres Trabalhadoras em Paris por iniciativa do *Parti des Travailleurs* por ocasião do 8 de Março, dia internacional de defesa dos direitos das mulheres “*Uma só pátria, a das trabalhadoras e trabalhadores do mundo inteiro*”

**Christel Keiser, secretária nacional do *Parti des travailleurs*  
e responsável da sua Comissão de Mulheres Trabalhadoras**

O que é a guerra se não o fruto do sistema de exploração capitalista?

Antes de nós, outros o explicaram já. Em 1914, Rosa Luxemburgo considerou que o Partido Social-Democrata teria feito melhor em mostrar aos operários alemães “*os verdadeiros bastidores da guerra imperialista*” e a sua “*teia de mentiras patrióticas*” do que em fazer causa comum com o governo alemão, votando os créditos da guerra.

Em vez de andarem há três anos a votar (por trinta e duas vezes) resoluções para “*aumentar as despesas militares*” ou para “*prosseguir e intensificar os fornecimentos de armamento*”, os deputados franceses da “*esquerda*” não fariam melhor em esclarecer as trabalhadoras e os trabalhadores em França sobre o que é verdadeiramente a política dos seus próprios governos?

Há meses que o Partido dos Trabalhadores tem vindo a afirmar que a guerra entre a Ucrânia e a Rússia é uma guerra pelo lucro e de rapina imperialista: o que se quer é fazer de 80% do território da Ucrânia uma quase colónia americana, com os restantes 20% anexados à Rússia. Quando Macron vem dizer que a Rússia passou a ser uma ameaça para a França e a pátria precisa de nós, nós respondemos que o povo russo é tão pouco nosso inimigo como o povo ucraniano e que a única pátria que conhecemos é a das trabalhadoras e trabalhadores de todo o mundo!

A história ensina-nos que as mul-

heres trabalhadoras sempre estiveram na linha da frente contra a guerra imperialista. Como não haveriam de estar! São elas as suas primeiras vítimas.

Guerra é sinónimo de privações de todo o tipo, guerra é sinónimo de separação ou desaparecimento de filhos, irmãos, companheiros, pais... Quanto mais canhões e obuses há, menos há serviços públicos. O director-geral do Banco de Investimento Público, Nicolas Dufourcq, disse-o com crueza: “*A dívida é para financiar os investimentos, canhões ou centrais nucleares, não o ben-u-ron de minha mãe.*” Disse ele que, de cada mil euros de despesa pública, 464 são afectados à saúde e pensões. Acha ele que estas verbas “*desperdiçadas*” deviam passar a financiar canhões.

Macron quer passar o orçamento anual da guerra de 50 para 100 mil milhões de euros e mesmo mais.

Com cem mil milhões podia-se, por exemplo, revogar todas as contra-reformas das pensões, que há décadas têm vindo a empobrecer cada vez mais os reformados, principalmente as mulheres!

Macron acha o contrário, que se tem é de passar a um sistema por capitalização. A questão urgente que se põe é a da greve unida para barrar a política anti-operária do governo. Vai nesse sentido o apelo à acção comum para ajudar a organizar a mobilização para revogar a reforma das pensões de 2023.

Em todos os domínios, as desigualdades entre mulheres e homens perduram: o salário das mulheres é, em média, 22% inferior ao dos homens, e as pensões das mulheres 42% inferiores, além de as mulheres se reformarem, em média, um ano mais tarde do que os homens. O direito à interrupção

voluntária da gravidez foi inscrito na Constituição no ano passado, mas o que é um direito sem meios? Nos últimos quinze anos, fecharam as portas 130 centros de IVG.

Quanto à violência conjugal, 280 mil mulheres são dela vítimas ano após ano, tendo 93 mulheres sido assassinadas pelo cônjuge ou

ex-cônjuge em 2024. Que fazem os governos? Nada ou quase nada.

Para o Partido dos Trabalhadores, o quadro para a luta pela emancipação das mulheres deve ser o da luta global da classe operária para pôr fim ao sistema da propriedade privada dos meios de produção. ■

### “As mulheres afegãs nunca se calam”

Azroo Ibrahimkhil, militante afegã

Em 2021, quando os talibãs tomaram o poder, eu era estudante. Estava a acabar o último ano da faculdade de medicina. Teria conseguido o diploma um ano mais tarde. Porém, debaixo do regime dos talibãs, todas as minhas esperanças e sonhos foram aniquilados. Eles começaram por proibir todas as raparigas acima da quarta classe de ir à escola; quatro meses depois, fecharam todas as universidades às mulheres e impediram-nas de prosseguir os estudos. Como a dezenas de milhares de outras, obrigaram-me a ficar a viver como uma presa, em casa. Muitas amigas minhas sofrem de depressão. A taxa de suicídio

das mulheres aumentou significativamente nos últimos quatro anos.

Contudo, as mulheres afegãs nunca se calam. Organizaram manifestações em todas as cidades do país com as palavras de ordem “paz, trabalho, liberdade”. O Movimento Espontâneo das Mulheres Afegãs esteve na vanguarda desta luta. Na resistência, dezenas de mulheres foram mortas, centenas estão dadas como desaparecidas, e milhares continuam encarceradas nas prisões dos talibãs, em condições atroz.

Consta-nos, infelizmente, que os governos europeus não estão a tomar nenhuma medida prática

séria. Mantêm relações diplomáticas calorosas com os talibãs e convidam os delegados talibãs para conferências internacionais. A comunidade internacional transfere semanalmente 87 milhões de dólares aos talibãs a título de ajuda humanitária. Felizmente, as mulheres afegãs beneficiam do apoio e da solidariedade das trabalhadoras e trabalhadores de França. Esperamos que as organizações de defesa dos direitos humanos e os militantes pelos direitos das mulheres em França continuem a dar-nos apoio e não nos esqueçam. Viva a solidariedade entre as mulheres afegãs e francesas! ■

### “Foram as mulheres quem mais se opôs à guerra”

Liza Smirnova, militante socialista russa

Enquanto Trump e Putin negociam o destino da Rússia e da Ucrânia, dos dois lados da frente há homens a apodrecer nas trincheiras, e, algures, há mulheres que os esperam — no caso das ucranianas, forçadas a fugir de casa. Nem uns nem outras tiveram o direito de se manifestar, nem antes da guerra nem durante estes três anos. A guerra tem custado a vida a centenas de milhares de soldados na frente e a dezenas de milhares de civis.

Na Rússia, têm sido as mulheres quem mais se tem oposto à guerra: não só as militantes que participaram nas manifestações quando a guerra começou, muitas hoje presas, mas também as mulheres dos soldados mobilizados e recrutados. No ano passado, as manifestações de mulheres de soldados a exigirem que os deixassem voltar todos para casa passaram a ser a principal ameaça à estabilidade interna do regime de Putin.

Porém, os movimentos antigovernamentais recusam-se a responder à questão-chave, a da eliminação das gigantescas desigualdades sociais.

Se aparecesse no mundo uma força capaz de se dirigir a elas, as mulheres mais pobres poderiam inverter a marcha triunfal dos imperialismos de Putin e Trump e, como as mulheres do império russo em 1917, desempenhar um papel decisivo no fim da guerra e na transformação do nosso país. ■

**“Trump vai restringir ainda mais o acesso ao aborto”**

Sara Walker, militante sindical americana

Quero saudar as mulheres da Palestina, da Ucrânia, do Afeganistão e da Rússia, que sofrem atualmente por causa do imperialismo americano. É evidente que a nova administração americana Trump / Musk representa uma ameaça à saúde e segurança das mulheres trabalhadoras. O aborto é ilegal em doze Estados e draconianamente limitado em outros sete, sendo provável que a administração Trump vá restringir ainda mais o acesso ao aborto. Uma das primeiras medidas que Trump to-

mou como presidente foi indultar um grupo de manifestantes anti-aborto violentos que ameaçavam ilegalmente pacientes que entrassem em clínicas de aborto, o que fez com que o ministro da justiça declarasse que iria deixar de proceder contra ameaças a pacientes de clínicas de aborto.

Os ataques de Musk às despesas federais, como a Medicaid (seguro de saúde, ndr) prejudicam igualmente as mulheres e as crianças. É muito provável que o novo

orçamento federal a adoptar nas próximas semanas reduza o financiamento dos programas de selos alimentares, principalmente para mulheres e crianças com baixos rendimentos. Como sindicalista, acho que nem o Partido Republicano nem o Partido Democrático estão do lado da classe trabalhadora e que o movimento operário e as organizações da classe operária têm de se separar do Partido Democrático e criar um partido dos trabalhadores verdadeiramente independente. ■

**“Na vanguarda da resistência”**

Zahra Saeed, jornalista palestina

A luta das mulheres palestinas é uma das lutas mais significativas. Elas vivem sob uma das mais longas e violentas ocupações da história moderna. As mulheres palestinas não sofrem unicamente os sofrimentos da ocupação, mas também os desafios específicos que as mulheres sofrem no contexto de uma opressão política e militar. Há mais de setenta anos que o povo palestino sofre a ocupação. Em todo esse tempo, as mulheres palestinas estiveram na vanguarda da resistência. Mães, filhas, irmãs ou militantes, elas têm-se batido pelas suas famílias e pelos seus

direitos.

O impacto da ocupação israelita na mulher palestina é múltiplo. A ocupação restringe-lhe as deslocações, com “check-points” militares, barragens rodoviárias e o muro de separação, dificultando-lhe o acesso aos cuidados de saúde, à educação e ao trabalho. Segundo as organizações de direitos humanos, muitas mulheres palestinas têm sofrido violência sexual e física, quer de soldados do exército israelita quer de grupos de colonos. A militarização da sociedade cria as condições para um ambiente em que os cor-

pos das mulheres são alvo frequente de agressão, não apenas durante conflitos, mas nas próprias estruturas da ocupação. Elas educam os filhos em condições de medo e instabilidade permanentes.

Apesar disso, porém, as mulheres palestinas dirigem movimentos de protesto, organizam e militam pela justiça. As mulheres lutam por um futuro de dignidade, de paz e de liberdade. Aqui estou, ao lado das minhas irmãs palestinas, em todo o território da Palestina histórica e na diáspora. ■

**“Travar a luta contra a sociedade e contra a ditadura”**

Ola Sheikh Hassan, responsável de uma associação de ajuda à organização das mulheres vítimas do conflito na Síria

No meu país, muitas mulheres têm travado duas lutas: contra a sociedade, para poderem assumir o seu papel, e contra a ditadura, arriscando a prisão e a morte.

Muitas têm sido presas e vivido condições de detenção terríveis, inclusive com os filhos. Muitas foram violadas. Depois de libertas, é-lhes por vezes difícil

voltar a encontrar o seu lugar na sociedade. Muitas são as que não conseguem alojamento e ficam na rua com os filhos, sem contacto com os cônjuges, sofrendo múltiplas formas de chantagem.

Muitas são as que se vêem obrigadas a procurar os seus desaparecidos, a responder às perguntas dos filhos: “onde está o

pai?”, antes de, tantas vezes, ficarem a saber que foi morto na prisão.

Muitas querem recuperar o seu lugar na esfera pública e continuar a lutar. Não consegui que me dessem um visto, mas espero estar convosco da próxima vez. ■